Estudo sobre Mons. Gaume: suas obras, sua influência, sua polêmica

Entre os representantes dessa grande escola católica de que o Sr. de Maistre foi o verdadeiro pai e o mestre real, há um que nos parece dever fixar a atenção dos recém-chegados à arena onde o vimos figurar por tanto tempo e tão valentemente, em brilhantes passes de armas, com armas novas que nos restarão para continuar seus bons combates.

A família a que pertence esse poderoso polemista terá marcado nos anais religiosos do século. Lembrava-se-o com justiça por ocasião da morte do saudoso cônego Gaume, autor de várias publicações exegéticas e piedosas muito estimadas; os GAUME fizeram questão de honra de seguir uma linha tão reta quanto inflexível, que lhes assegura a estima[1] reconhecida de todos os que sabem apreciar a constância e a firmeza nas convicções, num tempo em que os melhores conheceram tão estranhas defecções. Os editores católicos desse nome, irmãos do eminente prelado a quem consagramos este estudo, deram também eles raros exemplos, preocupando-se sobretudo em suas empresas, por vezes colossais, sempre notáveis, com os grandes interesses da causa a que seu ilustre irmão deu tanto brilho.

I

Mons. GAUME terá tido, segundo cremos, e como esperamos demonstrar por um rápido exame de suas obras grandes ou pequenas, o mérito de ter-se dado bem conta da doença de seu tempo. Outros procuraram dirigir o movimento antirreligioso para fazê-lo tomar um atalho que esperavam reconduzir à senda direita, como se negações de princípio pudessem jamais conduzir a afirmações.

Melhor avisado foi, desde sua primeira obra, o autor do *Catecismo de Perseverança*, cujas dez edições sucessivas afirmaram o rápido e constante êxito.

O século negava o sobrenatural. Mons. Gaume se propôs atacar o inimigo de frente. Oporá, segundo a feliz expressão de um eloquente dominicano, *«o radicalismo das afirmações ao radicalismo das negações»*. O método das concessões lhe parece fatal à integridade da doutrina, inútil mesmo ao êxito do apologista católico, indigno da sinceridade de nossas convicções. Essa regra de conduta apologética permanecerá inflexível em suas mãos, desde o primeiro dia de sua virilidade até os dias ainda radiosos de sua velhice sacerdotal.

Mostrou-a, em toda a sua nitidez leal, desde as primeiras páginas desse *Catecismo de Perseverança*, que todos lemos com tanto atrativo em nossa juventude para relê-lo, como modelo e guia, quando fomos encarregados de ensinar os outros.[2]

Disse-se dessa grande obra que era um quadro completo da religião sob todas as suas faces dogmáticas, morais, históricas, disciplinares, litúrgicas e simbólicas. Mas não se fez notar bastante o que constitui, cremos, seu mais real mérito.

A noção do sobrenatural, segundo a doutrina tão luminosa e tão verdadeira do bispo de Tulle, deve girar unicamente, quando se quer expô-la em sua bela teologia, sobre a centralização que a figura de Jesus Cristo exerce sobre todo o plano divino das criações. Ao expor a doutrina, Mons. GAUME não deixa de observar essa regra, e sua obra poderia intitular-se: *O Raio de Jesus Cristo na Religião* .

Diversos autores tentaram retomar essa empresa em subobra; seus trabalhos, notáveis a vários títulos, carecem dessa unidade e, por conseguinte, desse interesse que assegura ao Catecismo de Mons. GAUME o pensamento-mãe que lhe ditou o plano e o desenvolvimento.

Reencontramos esse mesmo pensamento fecundo e admirável até nos pequenos livros que deviam iniciar na grande exposição da doutrina católica e que felizmente se tornaram clássicos em tantas mãos. Queremos falar do *Resumo do Catecismo de Perseverança*, chegado à sua trigésima edição; do *Catecismo das Mães* e do *Pequeno Catecismo das Mães*, deliciosas obrinhas que bastariam, como teria dito Gerson, para assegurar à Igreja o reconhecimento de seu autor.

O eloquente bispo de Poitiers o fez ressaltar, nestes dias, com incomparável vigor de exposição: a grande chaga do século é a invasão do Naturalismo, esse erro pérfido e fecundo que o Concílio do Vaticano julgou dever atingir e ferir primeiro de tudo.

Essa convicção, que inspirara a exposição completa e a doutrina sobrenatural no *Catecismo de Perseverança*, levou Mons. GAUME a estudar de mais perto, e com alguns desenvolvimentos, os pontos em que o ataque do Naturalismo lhe pareceu mais nocivo e em que lhe pareceu útil despertar as noções da fé em toda a sua nitidez e sem rodeios. Vejamos sobre que assuntos o zeloso prelado fez recair a atenção do clero e dos católicos.

II

Contamos sete obras de Mons. Gaume em que essa tendência particular se revela com maior evidência, embora, não cessaremos de dizê-lo, seja o pensamento-mãe de todas as suas obras.

Uma palavra apenas sobre cada um desses sete livros.

Há na augusta Trindade das pessoas divinas uma pessoa cujo culto, negligenciado pela maioria, seria contudo digno de atrair hoje sobretudo a devoção dos católicos refletidos.

Já em seu tempo, em que se vivia contudo uma vida de fé robusta e profunda, o grande doutor da escolástica se queixava da negligência dos cristãos em adorar o Espírito Santo. Essa adorável pessoa da Santíssima Trindade é, com efeito, como um Deus desconhecido para a maioria. Suas operações, seu papel na criação e na santificação das almas, sua missão são pouco apreciados, porque são pouco meditados.

Numa época em que o Espírito do Mal, macaco de Deus, segundo a enérgica expressão de Tertuliano, se esforça por fazer prevalecer sua ação sobre a do Espírito do Bem, um *Tratado do Espírito Santo* respondia, pois, a uma verdadeira necessidade. Com sua grande e bela inteligência das coisas divinas, nosso eloquente escritor nos deu um que satisfaz largamente essa necessidade. Por confissão de todos, o *Tratado do Espírito Santo* é uma das obras mais sábias, mais úteis e, quanto à forma como quanto ao fundo, mais notáveis de nosso tempo.

Atacada de todas as partes, obscurecida por toda sorte de manobras, a iluminação sobrenatural que o Espírito de Deus dá à razão humana deve lutar contra a invasão das trevas.

É pelos atos de fé que as tentações contra a fé se dissipam, e não por pesquisas que dependem demasiado daquela soberba a que Deus resiste e recusa sua graça. Singular fenômeno que Mons. Gaume estabeleceu de maneira irrefutável em seu livro de ouro, o *Credo*.

Cristãos que vacilais na fé, almas que a dúvida quereria invadir para fazer suas vítimas, segui o conselho que vos é tão eloquentemente dado: refugiai-vos no Credo. É o castelo forte em que, nas horas de perigo, achareis asilo seguro, de onde podereis desafiar todos os ataques do inimigo.

Guardai-vos igualmente de não estimar em seu alto e sublime preço a religião de que o Credo é o símbolo. É a única verdadeira; pois todas as outras pretensas religiões não são senão formas do espírito de erro, o qual não tem nenhum direito ao respeito nem às contemplações da verdade.

Porque é a única verdadeira, a religião do Credo católico tem as promessas da vida presente e as promessas da vida futura; Mons. Gaume o demonstra com muita lucidez e talento em seu bom pequeno tratado *A Religião no Tempo e na Eternidade*.

Essa religião não tem apenas um símbolo ou fórmula de crença, tem um sinal ainda mais sensível, pois é composto não só de palavras, mas de um ato exterior.

Esse sinal, que os primeiros cristãos tinham em tão grande veneração, que os séculos de fé misturavam a todos os atos da vida civil e doméstica, já não é, em nossos dias, estimado em seu alto valor e em sua maravilhosa eficácia.

É um dos frutos do Naturalismo na piedade; é um dos resultados mais caros ao espírito mau, que o teme como inimigo invencível. Chamar as almas a essa prática e esclarecê-las sobre seu fim providencial era prestar aos tempos conturbados que atravessamos o assinalado serviço que lhes prestou o douto autor do *Sinal da Cruz no século XIX*.

Ao lado do Sinal da Cruz, com ele quase sempre, vem pôr-se outro inimigo temido de Satanás e, desde então, necessariamente muito negligenciado numa época em que o pai da mentira foi

bastante hábil para fazer negar sua ação infernal e até sua existência, outrora afirmadas por tantas evidentes manifestações.

A Água benta, no século XIX, tão pouco conhecida, tão pouco apreciada em comparação com os tempos em que constituía o elemento principal das práticas cristãs, terá achado sua vingança e sua defesa no eloquente opúsculo cujo título acabamos de citar. Como o Credo, essas duas últimas obras foram honradas por Pio IX com os Breves mais lisonjeiros, que lhes mostram toda a importância.

O Cristianismo se afirma pelo Credo, pelo Sinal da Cruz, pelo uso da Água benta; afirma-se também pela fidelidade em guardar um dos dias da semana ao serviço de Deus. Em sua luta sem trégua contra o Cristianismo, a Revolução não deixou de atacar esse ato de fé permanente, passado aos costumes dos povos cristãos.

Sem ousar contestar o princípio, contestou a aplicação e substituiu o domingo pela década, como o socialismo comunista substituiu mais tarde a segunda-feira ao primeiro dia da semana para o repouso do operário, sempre por ódio à revelação e à fé. *A Profanação do Domingo*, herança da Revolução satânica, é, numa obra que não envelheceu e leva esse título, julgada e condenada, como merece, por Mons. GAUME.

Não terminaremos essa nomenclatura sem atrair toda a atenção dos admiradores de nosso escritor para um de seus livros, talvez o mais interessante e com certeza um dos mais notáveis. Sob seu título um tanto estranho: *A Vida não é a Vida*, apresenta a todo homem solícito de seu futuro as considerações mais eloquentes, as exortações mais prementes, as deduções mais engenhosas.

Pode-se não admitir ao igual de um dogma — e não é, aliás, a intenção do autor — todas as consequências dessas deduções, mas não se pode deixar de ver nele os melhores estudos ou adivinhações sobre o que deve ser a vida do Céu, única vida verdadeira e digna de nosso amor. Ali tudo é sobrenaturalizado; ali sobretudo esqueceremos as divergências de ideias e de métodos que nos dividiram aqui embaixo.

III

Isso nos leva a tocar um dos lados mais célebres da vida militante de Mons. Gaume. Não refaremos essa história, que, aliás, só será bem julgada daqui a alguns anos, quando houverem desaparecido do palco do mundo os atores que nela tomaram parte, misturando-lhe as paixões que sempre deixam transparecer por alguma ponta a enfermidade da natureza humana.

Mas ela nos parece ter, do lado de Mons. Gaume ao menos, toda a sua gênese em seu ódio contra o princípio revolucionário, que tende a tornar-se hoje o senhor do mundo.

Esse ódio, essa santa cólera do filho da luz contra a invasão da noite, explode, em toda a sua energia, através desses 12 volumes que a posteridade estudará com cuidado para ter a filosofia da História do período revolucionário em que temos a desgraça de viver.

O eloquente autor de uma brochura que justamente fixou a atenção dos espíritos refletidos e elevados, ao sair da última guerra, o Padre Caussette, dizia-o em seu estudo *Deus e as Desgraças da França*:

> *Revolução quer dizer que Deus é o mal, que a propriedade é o roubo, que a anarquia é a ordem, que os povos são feitos para a República, não a República para os povos, e que, sobre a ruína de todos os princípios, de todas as crenças, do bom senso ultrajado e da natureza indignada, uma forma de governo, uma abstração política deve tornar-se objeto da idolatria universal.*

> *Assim entendida, a Revolução é a mística do satanismo, é a reconstrução do mundo de cabeça para baixo; é a marcha da humanidade de cabeça para baixo; enfim, é um abraço sangrento do orgulho e da cobiça encontrando-se no meio de um caos, sem Deus para recomeçar a fecundação do nada.*

Mons. GAUME estudou a Revolução, desde o Renascimento até nossos dias. Expõe, com rara força de dialética, a genealogia, o trabalho de reconstrução, ou antes, de destruição religiosa, social, filosófica, literária, artística. Estuda os caracteres, os efeitos e as origens do Voltairianismo, do Cesarismo, do Protestantismo, do Racionalismo e do pretenso Renascimento que lhes dá a luz.

Pela força das provas, pela erudição escolhida, pelas vistas luminosas que o distinguem, essa obra lembra a altura de vista e a firmeza de golpe de vista dos de Maistre e dos Donoso Cortés.

Já numa obra infelizmente esgotada havia vários anos, o ardente adversário da Revolução narrara a *História da sociedade doméstica entre todos os povos*, para mostrar a influência do Cristianismo sobre a família. Aqui o assunto se amplia e é esclarecido pelo contraste das trevas e da influência desorganizadora desse anticristianismo que se chama Revolução.

A ação revolucionária do Renascimento sobre a educação não podia deixar de atrair os olhares de um historiador tão atento.

Escarvou-a com solicitude cheia de angústias. Impressionado com a influência do paganismo sobre o Renascimento, não dissimulando que não era, no fundo, senão uma ressurreição da idolatria, pois tendia a recolocar o demônio em altares talvez menos grosseiros, mas com certeza não menos inimigos do verdadeiro Deus, pensou em solapar esse paganismo na ação que lhe assegurava a perfeição relativa das formas literárias, por meio das quais os autores pagãos inoculavam suas doutrinas e seu espírito nas jovens inteligências.

Lembram-se as tempestades que levantou o aparecimento d'*O Verme Roedor*. Apoiado em fatos incontestáveis, o autor mostrava nele os estragos do Paganismo na educação e, pela educação, na Sociedade.

Como consequência, propunha pronta reforma, sem a qual anunciava que a Europa iria aos abismos. Só foi profeta em demasia.

Falsamente tachada de exagero, a reforma pedida consistia em introduzir largamente o elemento literário cristão nos estudos clássicos e expurgar severamente os autores pagãos que se julgasse poder deixar nas mãos da juventude; enfim, em ensinar cristãmente os autores pagãos.

Espanta-se com razão da violenta oposição feita a pedidos tão razoáveis; mas a reforma proposta chocava preconceitos demais para não encontrar numerosos adversários. As objeções vieram de todas as partes, mas com uma acrimônia, uma animosidade de tom que lhes traíam a fraqueza.

Nas *Cartas a Mons. Dupanloup*, publicadas no auge da luta, Mons. Gaume fez-lhes justiça com uma calma e uma solidez que, ao julgamento dos mestres, fazem dessa publicação um modelo de polêmica.

Entretanto, por uma razão que é inútil lembrar aqui, o Episcopado francês estava dividido sobre a reforma pedida. O Sumo Pontífice interveio, primeiro pela circular do cardeal Antonelli e mais tarde pela Encíclica *Inter multiplices*, de 21 de março de 1853.

Nesse ato solene, Pio IX consagra a tese de Mons. Gaume e, para dar-lhe um testemunho público de sua benevolência, eleva o corajoso escritor à mais alta prelazia romana.

Essa luta tormentosa teve três resultados incontestáveis: a necessidade dos autores pagãos para formar literatos cristãos passou do estado de dogma ao de problema; a expurgação dos autores pagãos foi feita com mais cuidado; os autores cristãos entraram em bom número de estabelecimentos cujas portas até então lhes eram fechadas.

Para tornar prática uma reforma tão desejável, nosso infatigável prelado publicou uma coleção muito estimada de *Clássicos cristãos*, latinos e gregos, e dois volumes de *Prosadores e Poetas profanos* cuidadosamente expurgados, segundo as prescrições do SANTO PADRE.

IV

Esses trabalhos, mais que suficientes para absorver a vida de um homem, não esgotaram o rico cabedal de ciência e talento que Mons. Gaume pôs a serviço da verdade. De olho alerta, como a sentinela de que fala Isaías, não cessou, desde o começo de sua carreira literária e militante, de olhar na noite do Naturalismo e da Revolução. Daí diversas obras de polêmica social, que é tempo de examinar com algum cuidado.

> *“As ideias governam — notou com justiça o eminente bispo de Poitiers em sua recente instrução sinodal sobre a primeira constituição dogmática do concílio do Vaticano —; as ideias governam e comandam os atos.*

> *Ora, porque ainda há uma sociedade e porque mesmo, depois que desconheceu a Deus, traiu a Deus, expulsou a Deus, a sociedade é obrigada, sob pena de morte, a atribuir-se e exercer direitos divinos, por exemplo, afirmar certos princípios, estabelecer leis, instituir juízes, proteger-se a si mesma por exércitos, enfim opor diques ao que ainda chama o mal e que outros chamam o bem, visto que é a satisfação de uma necessidade natural, de uma vida natural, dessa natureza enfim que é o verdadeiro e único divino; por causa disso, e em ódio aos elementos conservadores que é forçada a reter, a sociedade natural vê-se, além disso, exposta a todas as agressões de que a ordem sobrenatural fora o ponto de mira.*

> *Por sua vez, ela é a grande inimiga, a grande usurpadora, o grande tirano, o grande obstáculo que é preciso derrubar e destruir a qualquer preço: sociedade política e civil, sociedade mesmo doméstica, pois ambas estão fundadas na estabilidade do matrimônio, que é para a natureza um jugo intolerável, na hereditariedade, que é uma violação manifesta da igualdade natural, e por fim na propriedade, que é o roubo, pelos indivíduos, de um bem pertencente por natureza a todos.*

> *E assim — conclui o grande bispo —, de negação em negação, o naturalismo conduz à negação das próprias bases da natureza racional, à negação de toda regra do justo e do injusto, por consequência à subversão de todos os fundamentos da sociedade.*

Ai! Sob belos nomes, sob falazes pretextos, esses erros sociais acharam, mesmo da parte de certos católicos, uma cumplicidade que a constituição conciliar flagelou energicamente.

Mons. GAUME o fizera notar aos que eram desencaminhados pelos sedutores dados do liberalismo. Para demonstrá-lo, seria preciso citar aqui o plano das diversas brochuras políticas do profundo polemista.

Inspiraram-se todas nas exigências da atualidade, como *A Situação*, *A Europa em 1848*; mas foram sempre mais longe, e nada é tão impressionante quanto a profecia desse volume tão bem intitulado: *Aonde vamos?*, escrito desde o ano de 1844, sete anos ao menos antes dos acontecimentos que anunciava. Por isso compreendemos que o autor tenha tido uma dolorosa satisfação, no ano passado, ao intitular a segunda parte de sua obra: *Em que ponto estamos?* O Papa louvou com efusão esse último trabalho, que nos parece o resumo mais fiel e mais completo das lições da Providência a nosso infeliz país.

A maior parte dessas brochuras, cuja primeira sobretudo estava esgotada havia muito tempo, foi reimpressa em um volume modestamente demais decorado com o título de *Opúsculos*, pois, como se acaba de ver, são verdadeiras obras de mestre e, em nosso parecer, uma delas pode contar entre suas obras-primas.

V

A primeira constituição dogmática do Concílio do Vaticano foi, por assim dizer, apenas o prelúdio dessa grande constituição que será a mais bela glória desse Concílio diante da posteridade. Depois de condenar os erros modernos contra a fé católica, os Padres voltam os olhares para a sé romana, para essa cátedra apostólica, intérprete e guardiã infalível da verdadeira fé.

Lutando contra o naturalismo, o eminente atleta de cujos gloriosos combates falamos não se esqueceu de Roma, Roma!... Foi grande essa cidade em seu passado. Mas quanto maior foi desde que Pedro, por ordem do Espírito Santo, a fez centro da Igreja.

Mons. GAUME descreveu com amor e com fé *As Três Romas*. Fez-nos descer à Roma subterrânea por sua bela *História das Catacumbas*, que se relê com prazer e sempre com fruto mesmo depois dos sábios trabalhos de Rossi e de seus divulgadores franceses. Quanto às *Três Romas*, basta dizer delas o que disse o escritor que, com Gerbet, terá tido mais direito de julgar as obras sobre Roma:

> *Fruto de um trabalho inteligente e de vasta leitura — diz o Sr. Louis Veuillot, falando dessa obra de Mons. GAUME —, esse livro é o mais completo. É o verdadeiro guia religioso em Roma e na Itália.*

VI

Eis-nos ao termo deste estudo. O que nos resta enumerar está em todas as mãos: é o fruto desse lado do talento de Mons. Gaume que popularizou seu nome entre a juventude, as comunidades e as pessoas piedosas.

O sobrenatural na piedade. Sente-se que o piedoso prelado é feliz em deter-se nele, como num elemento que lhe é familiar. Compraz-se nele, seja tratando da devoção ao Menino Jesus (*Belém*); da devoção aos sofrimentos do divino Mestre (*Relógio da Paixão* e *História do bom Ladrão*); da preparação para a primeira comunhão (*O Grande Dia se aproxima*) ou da ação de graças depois desse feliz dia, de que tanto contribuiu para exaltar os favores inefáveis (*O Senhor é a minha herança*); do sacramento da Penitência (*Manual dos Confessores*); das lembranças bíblicas mais apropriadas às necessidades da piedade contemporânea (*Judite e Ester*); da vida de uma pequena escrava martirizada em circunstâncias horríveis para a natureza (*Suema*) ou das maravilhas do apostolado católico (*Viagem do P. Horner*).

Convir-nos-ia sem dúvida demorar-nos em cada uma dessas deliciosas produções, verdadeiras joias que compõem um escrínio quase completo para servir ao ornato espiritual de uma alma cristã. Mas a maior parte desses volumes está em todas as mãos. Traduzidos em quase todas as línguas conhecidas, já não contam o número de suas edições. Constatamo-lo com verdadeira alegria; pois o estudo das obras de Mons. Gaume é um dos estudos mais proveitosos que se podem fazer em nossa época.

Felizes os escritores que souberam, como Mons. Gaume, manter a impiedade e a heresia a comprimento de lança, edificando ao mesmo tempo os bons e firmando os fracos!

Mons. ANT. RICARD Prelado da Casa de Sua Santidade

Notas

[1] Pelo Sr. Ant. Ricard.

[2] «A doutrina do Catecismo de Perseverança — disse Mons. DONNET, arcebispo de Bordeaux — é haurida nas melhores fontes. O estilo dessa obra é claro, atraente, vivo e penetrante. O plano é vasto e abrange ao mesmo tempo a história do cristianismo e das ordens religiosas, a exposição dos dogmas, a explicação da moral, dos sacramentos e das cerimônias da Igreja. O método empregado pelo autor é o que seguiram com tanto êxito os Padres gregos e latinos, aquele enfim que Fénelon e vários grandes bispos desejavam que se fizesse reviver entre nós.»

Revision #1
Created 27 November 2026 01:06:57 by Admin
Updated 27 November 2026 01:06:57 by Admin